

WALTER BENJAMIN, MARX E A MODERNIDADE: O FLÂNEUR E O ÓPIO DA MERCADORIA.

Bárbara Duarte da Silva

(Mestranda PPGS-UFPE)

barbaramduarte@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir a contribuição do pensamento marxista para a obra de Walter Benjamin, sobretudo a sua análise da modernidade. É bem conhecido o fato de colegas da Escola de Frankfurt não terem gostado a sua amizade com Brecht. Até que ponto, como querem alguns teóricos, esse uso de Marx prejudicou a sua interpretação do trabalho de Baudelaire? Marx não confunde sociologia e estética. No entanto, ele percebe a maneira que o sujeito é produto das relações sociais. Durante todo trabalho sobre Baudelaire é possível perceber como Benjamin deixa claro sua relação com o marxismo. Como quando se refere ao surgimento das exposições: “Exposições universais são centro de peregrinação ao fetiche mercadoria”, que em princípio tinha como alvo entreter os trabalhadores, e mais tarde transformar o público em consumidor de mercadorias, que têm seu universo criado a partir do processo de modernização.

Entretanto, para T.J. Clark (2005), foi um “*mau negócio*” para Benjamin ter transformado seu livro sobre Paris no século XIX num estudo dos conceitos marxistas sobre a produção de mercadorias. Num mesmo comentário Clark fala ao mesmo tempo que “a desmarxização” de Benjamin é uma tarefa ingrata, contudo tece críticas ao marxismo na obra de Benjamin. E ainda a respeito do marxismo em Paris, obra de Benjamin, Clark reitera dizendo o que pensa sobre a obra: “penetrante, vital e superficial”. Nesse sentido discordo de Clark, já que o uso dos conceitos marxistas na obra de Benjamin, em nada foram superficiais para a proposta Benjaminiana. Clark não apresenta uma postura segura de crítica ao marxismo a obra de Benjamin, em vários momentos, voltando atrás de suas colocações entendendo que sua crítica pode muito bem soar como “petulante” ao tentar mostrar quais poderiam ter sido as escolhas de Walter Benjamin.

No entanto, quero sustentar aqui, que sem a análise marxista sobre a mercadoria, seria impossível entender a contribuição de Baudelaire, sobretudo os conceitos de Flâneur, etc. Todavia, é importante esclarecer que está longe da idéia aqui apresentada, classificar Benjamin como um marxista. Talvez essa tenha sido a intenção de Clark, livrar Benjamin de classificações. Porém, na sua crítica parece gastar muito mais tempo afirmando que Benjamin não era um marxista, do que refletindo sobre a influência do pensamento de Marx

para Benjamin. O que não, necessariamente, o categoriza enquanto marxista. A intenção aqui presente é, justamente, compreender quais os aspectos da obra de Marx que são centrais para a construção do pensamento Benjaminiano. Ligação que o próprio autor expressa em sua obra.

Os aspectos a que me refiro, dizem respeito a como no desenvolvimento da sociedade moderna, ocorreu uma sujeição das relações de trabalho ao produto, ou seja, a mercadoria. O produto do trabalho assim, passando a adquirir características sociais, fazendo com que as relações entre os homens se tornem relações entre coisas, e vice-versa. A mercadoria assim, adquiriu características sociais, trazendo um processo de alienação dos sujeitos, a partir do *fetichismo* que ela provoca.

Nesse sentido, Benjamin procurou entender a experiência de pessoas mercantilizadas ou reificadas na cidade de Paris, isso o aproximou dos conceitos marxistas e ao mesmo tempo, faz surgir uma nova pergunta: Como ele pensou sua relação com o marxismo a partir de sua obra sobre Paris? Para tentar responder essa pergunta, apresentarei primeiro o texto de Marx sobre a mercadoria, em seguida, a obra de Walter Benjamin sobre Paris, de onde se poderão tirar maiores conclusões.

PALAVRAS-CHAVES: MODERNIDADE – MERCADORIA-FLÂNEUR

Marx e a mercadoria

Como afirma Nildo Viana (2007), é possível perceber apontamentos de uma concepção de arte em Marx a partir de sua teoria da sociedade. Assim, para Marx o desenvolvimento da arte está totalmente ligado com o desenrolar do processo histórico das sociedades, nesse sentido, a produção e a transformação da arte se relaciona ao modo de produção capitalista e as contradições presentes entre as classes sociais.

As contribuições que pretendem ser apresentadas aqui, dizem respeito a como a arte está relacionada à divisão do trabalho. Dessa maneira, Marx aponta para a existência de um processo de *alienação* do sujeito na sua relação com o trabalho na sociedade capitalista, o que em Marx é a centralidade da vida social humana. Assim é preciso primeiramente, saber como se dá esse processo de *alienação*, e segundo, que implicações a produção de sujeitos não-emancipados tem, por sua vez, para uma concepção de arte como mercadoria na sociedade capitalista, que passa a atender as relações exigidas pelo desenvolvimento econômico do mercado. Processo que é observado por Walter Benjamin, a partir do desenvolvimento de Paris.

Para Marx (1985) a mercadoria assim como o trabalho na sociedade capitalista tem um duplo caráter. Nesse sentido ele afirma: “Na forma das sociedades em que vamos estudar, os valores de uso são, ao mesmo tempo, os veículos materiais do valor de troca” . Isso quer dizer que a forma mercadoria não serve apenas para suprir necessidades básicas, mas serve também como objeto de consumo, o que ele chama de ir “do estômago à fantasia”. Assim, a mercadoria tem um valor de troca que é independente do seu valor de uso, e quando está no mercado adquire um “valor”, na equiparação com outras mercadorias, que vai depender de várias grandezas como a quantidade de trabalho empregada pelo trabalhador, e o tempo gasto para a sua realização. Todavia, esse trabalho mais tarde é denominado como “tempo de trabalho socialmente necessário”, o que vai depender dos fatores de desenvolvimento técnicos de dadas sociedades. O que é importante sublinhar é que o processo de trabalho passa por um processo de transmutação, já que: “Quando mercadorias, desaparecem o valor de uso e o produto do trabalho, desaparecendo assim o caráter útil dos trabalhos corporificados, desvanecem-se, portanto, as diferentes formas de trabalho concreto, elas não mais se distinguem uma das outras, mas reduzem-se, todas, a uma única espécie de trabalho, o trabalho humano abstrato”.

Assim, quando uma mercadoria é trocada por outra ou mesmo pelo o que seria o seu equivalente geral, no caso o dinheiro, o que deveria ser uma relação social de troca dos trabalhos humanos cristalizados, passa a ser uma troca entre objetos. O valor que ela adquire, na relação da forma relativa com a equivalente, oculta a relação social que ocorre na sua produção. É por isso que Marx (1985) fala que: “Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” .

Nesse processo, a mercadoria acaba por representar “fisicamente” o trabalho humano despendido para a construção de determinado objeto (a própria mercadoria). Dessa maneira, Marx exemplifica: “Mas o casaco não pode representar valor para o linho, sem assumir aos olhos dele a figura de um casaco” “. Nesse caso, o casaco passa a ser a materialização do linho. Ou seja, sua forma equivalente. Já que uma mercadoria não estabelece seu valor a partir de si mesma, mas a partir de outra. Assim, apenas o casaco “é depositário de valor”, pois foi constituído como mercadoria, e posto num mercado de trocas. O que ocorre é que, no comércio, a mercadoria adquire características próprias, já que como encarnação do trabalho humano, acaba por esconder na forma “valor” (dinheiro), a transformação feita da matéria-prima inicial pela força de trabalho do trabalhador, que seria o trabalho concreto. A divisão social do trabalho cria o processo de alienação do

sujeito em relação ao trabalho, que já não determina a totalidade do processo de produção. As relações sociais passam a serem determinadas, pelas relações de mercado, entre as mercadorias. Subjugando o ser humano as relações de mercado.

É importante considerar aqui também, que não está se falando de uma forma comunitária de trabalho onde o que é produzido é revertido para os produtores, nem mesmo de uma sociedade de “homens livres” a qual Marx (1985) aponta que não haveria exploração. Mas, de uma sociedade onde o capital passa a prevalecer sobre as relações sociais. Assim, para Marx (1985) no capitalismo o ser humano não se reconhece como produto do seu trabalho, (portanto, é alienado) já que este é expropriado dele por um processo de exploração social de uma classe por outra. O que acontece é um processo de inversão, onde as mercadorias se objetivam, encobrendo as características sociais do trabalho humano, ocorrendo uma relação de inversão em que as mercadorias se tornam sujeitos das relações sociais, e os seres humanos se coisificam.

Mais do que isso, para Marx, a mercadoria é cheia de “sutilezas metafísicas” e “argúcias teológicas”, impregnada de um mistério de características imperceptíveis. Assim, Marx (1985) denomina o obscurantismo existente na mercadoria o qual não é percebido: “Chamo a isso fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias. É inseparável da produção de mercadorias”. Portanto, quando os produtos do trabalho humano assumem a forma de mercadoria, trazem uma magia peculiar que é maior do que apenas suas propriedades materiais, de produtos, mas algo sobrenatural de uma relação de dominação que os objetos passam, a desenvolver sobre os sujeitos como se a mercadoria “morta” passasse a adquirir vida, passando a comandar as relações sociais.

Pode-se representar tamanho domínio dos objetos sobre o ser humano como um caráter mágico que prende a atenção dos sujeitos, já que o desenvolvimento do capitalismo criou uma indústria de produção e consumo de mercadorias, onde ocorre um sujeitamento dos indivíduos a satisfação de seus fetiches, que foram inculcados pela própria indústria, através do processo de aquisição de várias mercadorias, que correspondem aos infindáveis desejos criados cotidianamente.

Dessa forma, para Marx (1985) existe um reflexo do mundo religioso no mundo real, pois não existem relações racionais claras entre os homens e a natureza. Já que a riqueza da sociedade burguesa moderna se deriva de uma “imensa acumulação de mercadorias”, que não tem como objetivo emancipar os sujeitos através do controle da natureza, pelo contrário, o capital passa agora a definir os rumos da vida humana. Marx tece uma crítica aos economistas políticos clássicos, por terem acreditado que o “valor” fosse uma propriedade natural das coisas, e que os homens tinham o domínio do que produziam. Isso

os fez não perceber que as mercadorias como valores de troca estabelecem uma relação entre si, como produtos, que escamoteia o trabalho concreto humano existente na produção da mercadoria, através da sua própria “aparência”.

Daí reside o fato de que, nas sociedades capitalistas modernas, ocorra a alienação do sujeito em relação ao produto de seu trabalho, o qual deveria ser uma fonte de emancipação. O projeto de Marx de uma sociedade de homens “livremente associados”, parte nesse sentido, de um projeto de produção material que retire o “véu nebuloso” que está preso na mercadoria, não permitindo ao indivíduo se objetivar enquanto sujeito através da produção de um trabalho emancipador.

Cabe ainda trazer aqui, alguns apontamentos de Viana (2007) sobre a teoria da arte em Marx. Viana interessado pelos aspectos da teoria marxista que possam explicar o fenômeno artístico orienta que “A arte seria um dos elementos constituintes das formas de regularização” . Parte-se então do entendimento, a partir de Viana (2007) que não houve uma dedicação exaustiva de Marx ao que seria uma teoria da arte, assim como foi feito em relação a outros temas, como ao próprio capitalismo.

Contudo, para Viana é possível perceber uma vinculação da produção material com a produção artística, mesmo considerando que em relação ao destaque de Marx para a arte grega: “É o conjunto das relações sociais que permite este desenvolvimento desigual e não apenas a produção material”, só a pesquisa concreta pode dizer mais claramente como se dá a relação entre arte e sociedade.

Benjamin não fez sequer prenúncios de crença num projeto marxista que estivesse ligado à questão relativa à luta de classes. Por outro lado, se interessou bastante pelos conceitos marxistas sobre o desenvolvimento da mercadoria e do seu *fetichismo* como advento da modernidade. Uma das suas maiores preocupações foi sobre o destino relegado a arte em presença de tal progresso social. Todavia, suas contribuições trazem um ar um tanto quanto melancólico sobre o lugar da arte perante as transformações sociais, do que um cunho providencialista, o que poderá ser observado mais adiante.

2. Walter Benjamin: Paris, Modernidade e Mercadoria.

Benjamin (1985) em seu texto sobre *Paris, capital do século XIX*, traz um olhar sobre uma cidade e sociedade que está em processo de transição. Em Paris, as circunstâncias econômicas como o florescimento da “alta do comércio” têxtil, e das “construções de ferro”, têm bastante influência sobre a conduta social e política da época, bem como para a construção dos modelos sociais de vida.

O autor percebe que a expansão da indústria favorece a emancipação da arquitetura sobre a arte, assim como, a pintura também se emancipa da arte através dos panoramas: “Os panoramas anunciam uma revolução no relacionamento da arte com a técnica e são, ao mesmo tempo, a expressão de um novo sentimento de vida”. Do lado dos panoramas surge também uma “literatura panorâmica”. O surgimento desses novos tipos de arte, o panorama que dá origem posteriormente a fotografia, está intimamente ligado ao surgimento das galerias, os centros comerciais de mercadorias de luxo, e agora também dos objetos de arte.

A fotografia, segundo Benjamin “leva ao aniquilamento da grande corporação dos pintores de retratos miniaturais”, esse favorecimento da fotografia em contraponto a pintura não se deve apenas a uma evolução técnica, mas: “a razão social disso reside na circunstância de que os primeiros fotógrafos pertenciam à vanguarda e dela é que provinham em grande parte a sua clientela.” Isso facilitou a entrada da fotografia no mercado, já que a burguesia era o seu principal consumidor. Politicamente, para defender os interesses da mesma classe, encontrava-se Luís Felipe, como afirma Benjamin “o aparecimento do homem privado no palco da história”. Assim, para a realização dessas novas necessidades, há que se equiparar a rua (espaço público) ao espaço das residências burguesas (espaço privado), que já trazia em seu interior a fantasmagoria das mercadorias da cultura capitalista. Esse entrelaçamento cria uma série de fantasmagorias na rua, para aproximá-la do espaço privado, confortável, *habitat* do sujeito burguês.

Todas essas medidas tiveram como função social a satisfação das novas necessidades da burguesia, de tranquilidade e confiança no meio exterior. O que estava enormemente ameaçado nesse período pelas ameaças de “barricadas”, feitas pelos movimentos conspiratórios de insatisfação dos vários segmentos presentes na Paris do século XIX. É por isso que, é pensada também uma arquitetura para a cidade que possa cada vez mais fazer garantir ao burguês segurança em caso de uma guerra civil.

Assim para Benjamin, “a atuação de Haussmann insere-se no imperialismo napoleônico. Este favorece o capital financeiro”. Este arquiteto constrói empreendimentos que pelos altos preços dos aluguéis, empurram o que ele chama de população “desarraigada” para os arredores da cidade. Quanto ao ideal urbanístico de Hausmann, Benjamin indica: “eram as visões em perspectiva através de longas séries de ruas. Isso corresponde à tendência que sempre de novo se pode observar no século XIX, no sentido de enobrecer necessidades técnicas fazendo delas objetos artísticos”. Tais objetivos acabam assim por retirar dos sujeitos, o que Benjamin chama de “experiência”, que a modernidade esmaga. Restando aos sujeitos desfrutarem do processo de alienação do seu trabalho e do outros, inebriados diante das mercadorias frutos da dinâmica do capital.

Um dos exemplos da majestade do capital são as passagens. De acordo com Benjamin (1985): “são vias cobertas de vidro e revestidas de mármore por dentro de todo um conglomerado de casas, cujos proprietários se uniram para tais especulações...” . É nesse interior, que são edificadas as casas comerciais, que se tornam um dos espaços de habitação do flâneur. Benjamin (1985) fala que nas passagens o Flâneur “se sente em casa”. De tal modo como no meio da multidão, um ambiente associal, a rua passa a ser a casa do flâneur. Talvez as passagens sejam um dos únicos lugares em que o flâneur não se sinta contaminado, diante da velocidade das mudanças realizadas pelo capital, que faz com que o escritor se assemelhe a uma prostituta que é a própria mercadoria que precisa ser vendida para sua sobrevivência.

Contudo, não é à toa, que Haussmann “o artista-demolidor” como assim se denomina, faça jus ao seu nome, pois para Benjamin: “Nas comoções da economia de mercado, começamos a reconhecer como ruínas os monumentos da burguesia antes mesmo que desmoronem”. Benjamin explora a relação de sujeitamento que existe entre a arte no capital, que na constituição dos produtos de arte que passam a ser encaminhados ao mercado, como mercadoria, existe uma subjugação do seu destino que para os sujeitos perde a função de devaneio, de liberação da imaginação, para ter uma função técnica-prática.

Benjamin (1985) compara muito bem as grandes exposições universais, símbolos da difusão da arte, com o que passam a se tornar: mercadorias fetichizadas. “As exposições universais transfiguram o valor de troca das mercadorias. Criam uma moldura em que o valor de uso da mercadoria passa para segundo plano. Inauguram uma fantasmagoria a que o homem se entrega para se distrair”. Nesse processo, o artista, assim como o sujeito da modernidade parece estar cada vez mais sem saída para o processo de diminuição da “experiência”, ficando privado de algo que tinha ou possuía, o que agora domina as relações sociais.

Diante disso, Benjamin acredita que Baudelaire oferece uma análise sintomática da modernidade. Já que em sua obra, Baudelaire faz uma revelação de que a ação do capitalismo sobre a modernidade faz com que só existam significados nas coisas a partir do seu preço. E é aí que se faz importante a compreensão que Benjamin explora sobre os conceitos da mercadoria, herdados do marxismo, pois a poesia de Baudelaire se apropria desses principais elementos do capitalismo, como a questão da coisificação dos sujeitos. E deste modo, sua poesia lírica, logo tenta mostrar a articulação falida, e a tentativa de independência na relação entre a obra do artista e o mercado, que cada vez mais é atuante sobre os sujeitos. Para isso, nem Baudelaire nem Benjamin, propõem alternativas concretas, mas a partir do Flâneur em Baudelaire, é possível enxergar o jogo que ocorre na

modernidade, o qual pode acabar funcionando como uma postura de protesto do artista à própria idéia de divisão do trabalho.

3. Charles Baudelaire e o Flâneur

Benjamin (1985) analisa a modernidade a partir da obra de Baudelaire. De acordo com Benjamin sua poesia tem um olhar alegórico sobre a cidade. Um olhar que analisa como existe uma degradação na forma humana na cidade grande, que vem com a época moderna. É o olhar do flâneur. Um personagem que decide 'flanar' pela cidade a fim de encontrar guarita para a sua desconolação, que ele busca na multidão.

Para Benjamin: "a multidão é o véu através do qual a cidade costumeira acena ao Flâneur enquanto fantasmagoria". Assim, a poesia de Baudelaire registra a o moderno como um "idílio fúnebre". Contudo, é na relação associal com a multidão e nos lugares públicos como as passagens e galerias, que o flâneur se acomoda. Posição que tem razão na não-cooperação com o progresso social. Prefere procurar a sua "última molecagem" na casa comercial e no meio das prateleiras de mercadorias. Assim, para Benjamin: "Com o flâneur, a intelectualidade parte para o mercado. Pensa que é para dar uma olhada nele; na verdade, porém, já para encontrar um comprador". Portanto, a relação que se dá entre o flâneur e a multidão, é um tanto parecida com a relação que a mercadoria exerce sobre os sujeitos, de uma embriaguez e posse narcótica, mas ao mesmo tempo, uma relação a que o sujeito pode ser ao mesmo tempo 'vendedor e mercadoria'. Dessa maneira, o flâneur vai em busca de uma relação com o novo, em que "os inconformados protestam contra a entrega da arte ao mercado", mas o flâneur não tem essas características. Antes de fazer sua última viagem, ele decide dar ensejo à absorção que a mercadoria lhe sugere.

Baudelaire muitas vezes se parece com o flâneur, aponta Benjamin (1985). Transporta alguns traços como não querer se identificar com um projeto específico de uma classe. Prefere olhar de fora, e assim como seria a função de um poeta, procurar na multidão sua inspiração. Entretanto, se identifica mais com o que Marx denominaria de "conspiradores profissionais", algo presente na boemia que Benjamin orienta: "Presentificar a fisionomia de Baudelaire significa falar da semelhança que ele apresenta com esse tipo de político". Para Benjamin o que Baudelaire ainda traz do revolucionário é o sentimento de revolta, de ira e rancor que é expressa em sua posição de literato, não-conformista na sua poesia. Mas, segundo Benjamin (1985) Baudelaire percebe logo como a posição do literato vai se encaminhando para o mercado com o folhetim, e não é como o flâneur pensava, para apenas dar uma olhada:

“Comportava-se como se tivesse apreendido de Marx que o valor de toda a mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção. Assim, o valor de sua própria força de trabalho passa a ter algo de quase fantástico, em vista do ampliado *não-fazer-nada* que, aos olhos do público é necessário para o seu aperfeiçoamento”. (BENJAMIN, 1985, p.59-60)

A questão presente aqui, é que o ser humano na venda de sua força de trabalho, também se tornou mercadoria. Nesse sentido, a escolha do flâneur é também uma declaração de repúdio sobre o que a modernidade e o que a dominação do capital traz, mas isso não impede que o flâneur seja também uma mercadoria. Entretanto quando Benjamin faz a relação na citação do flâneur com o trabalho de Marx, ele não pretende fazer uma discussão de como é possível existir uma emancipação, da alienação encontrada nas suas relações de trabalho. Apenas, indica que é no processo do ócio, e da solidão encontrada somente no meio da multidão, que Baudelaire e o flâneur (pois agora se confundem) sentem que é possível se sobrepujar, já que para ser moderno é preciso se misturar à modernidade. E que a cidade condenada necessita do ópio para se sentir aliviada. Assim era a postura do flâneur em Paris, de acordo com Benjamin: “Ocioso, caminhava como se fosse uma personalidade: assim era o seu protesto contra a divisão do trabalho, que transforma as pessoas em especialistas”.

Contudo, Baudelaire não pode ser simplesmente comparado com um de seus tantos personagens e máscaras que usou durante a modernidade. Já que, as ambigüidades encontradas no autor, se assemelham a sua obra. Assim, para Benjamin: “Com isso, a imagem de Baudelaire se forma como que por si mesma: o enigmático estoque de alegorias em um, a estocagem de segredos de insurrecto no outro”. Dessa maneira, Benjamin descreve como seria impossível uma simples classificação de Baudelaire. Para além de tentar mostrar as afinidades entre Baudelaire e o flâneur, é possível apreender a admiração de Benjamin por Baudelaire, já que a construção da sua poesia representa um esforço substantivo de entender a modernidade e criticá-la, quando ela mesma se encaminha para um processo onde as críticas se transformam em incorporação. O próprio Baudelaire reclama várias vezes da posição desconfortante que o mercado lhe indica:

“Para ter sapatos, ela vendeu a sua alma;
Mas o bom Deus riria se, ante infâmia tal,
Eu desse de tartufo e macaqueasse ao Senhor,
Eu que vendo o pensamento e quero ser autor”.

Referindo-se a como o literato pode ser comparado com uma prostituta, o que é a maior tensão no pensamento de Baudelaire, de como o capital exige uma subordinação em que o sujeito encerra nele mesmo uma posição desconsolante de mercadoria e vendedor.

A principal crítica que Clark tece a Benjamin refere-se ao trabalho final de Benjamin sobre as *passagens*. Contudo, Clark também se refere a obra sobre Baudelaire, quando se questiona se não foi um erro de Benjamin: “transformar sua obra sobre Paris do século XIX num estudo específico da cultura engendrada pela produção de mercadorias, utilizando conceitos extraídos do capital e da crítica da economia política?”. Bem, a resposta parece ser ambígua para o próprio Clark, já que apesar de admitir que sua crítica é bastante inovadora, e por isso não têm bases para se segurar melhor, ele concorda que: “Só o crítico mais renitentemente fixado na “desmarxização” de Benjamin deixará de reconhecer que, no final da década de 1930, começava a se formar uma genuína convergência entre a concepção marxista de lógica representacional do capitalismo – a lógica da troca de mercadorias – e a visão de Benjamin não só sobre o que Baudelaire estava fazendo (que aos poucos se converte no enigma principal do livro), mas também sobre o papel do flâneur, do autômato, do fotógrafo, da prostituta, do “*feuilletoniste*” “.

Assim, Clark reconhece a ligação da obra de Benjamin aos conceitos marxistas, mas por outro lado, aponta uma maior preocupação que a obra do autor não seja enquadrada, num sentido de uma mera aplicação de rótulos a Benjamin.

4. Conclusão

Talvez o que Clark não entendeu, é que o fato de Benjamin usar na sua obra sobre Paris os conceitos marxistas, não faria dele necessariamente um marxista ortodoxo. É bem verdade o que Clark afirma sobre Benjamin quando diz: “O “método marxista” jamais o interessou fortemente, nem o levou a passar a vida inteira, como Adorno, construindo trincheiras conceituais cada vez mais refinadas para lutar contra a terceira internacional”. Entretanto, quando faz afirmações do tipo “o Capital foi um dos seus sonhos durante semanas a fio”, existe um desmerecimento aí, de como o pensamento marxista foi perspicaz na iluminação dos caminhos que Benjamin procurou dar na sua obra. Isso pode ser visto em *Paris, capital do século XIX* e principalmente se pensarmos sobre a contribuição de Marx em relação ao capitalismo, por exemplo.

Quando Clark coloca que: “Benjamin aprendeu mais sobre a lógica do capitalismo com uma leitura rápida de Hugo Fischer e de Otto Ruhle do que a maioria de nós o faria após meses de pesquisa nos arquivos Marx – Engels”. Parece que sua afirmação tem a ver com a mesma questão de querer dar um distanciamento de Benjamin de Marx, assim como, foi

a posição de algumas pessoas pela sua amizade com Brecht. Quem sabe, gerado por um medo de que Benjamin se aproximasse muito da causa proletária; causa que os seus amigos tinham abandonado há muito tempo.

Contudo, o fato de Benjamin não ter se debruçado durante longos períodos pela obra marxista, só reafirma a sua capacidade intelectual de apreensão das análises marxistas, e como já disse em outro momento, de escolher a seu bel-prazer o que é importante para ele ou não.

Portanto, o fato é que a crítica que T. J. Clark faz sobre o uso de Marx na obra de Benjamin é um tanto polêmica. Baseia-se num desejo que Benjamin siga uma determinada linha, a projetada por ele. Seria uma superficialidade avessa a Benjamin e a sua escolha de ilustrar sua obra com alguns conceitos marxistas.

NOTAS